



Instituto Negra do Ceará apresenta

**Rompendo muros, brotando  
resistências e liberdades**



## Ficha Técnica

Rompendo Muros, Brotando Resistências e Liberdades Publicação do Projeto Pelas Asas de Maat: Ampliando o Acesso à Justiça das Mulheres em Privação de Liberdade desenvolvido pelo Instituto Negra do Ceará no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa (agosto/15 a julho/2016).

**Elaboração:** Francisca Maria Rodrigues Sena e Sarah Nobre Menezes

**Ilustrações:** Ítalo Sena e Sarah Nicodemos

**Revisão:** Carina Silva Barros, Iara Vanessa Fraga de Santana, Letícia Pequeno Peixoto e Gabriela Thays Silva Pontes

**Projeto Gráfico e editoração:** Expressão Gráfica

**Impressão:** Expressão Gráfica

**Tiragem:** 1.000 exemplares

**Realização:** Instituto Negra do Ceará

**Parcerias:**

- Escritório de Direito Humanos e Assessoria Jurídica Popular Frei Tito de Alencar
- Fórum Cearense de Mulheres
- Laboratório de Estudos e Pesquisas em Afrobrasilidades, Gênero e Família/UECE

**Apoio:** Fundo Brasil dos Direitos Humanos

2016, Instituto Negra do Ceará  
O conteúdo desta publicação pode ser reproduzido e difundido desde que a fonte seja citada.



## Gratidão

Às mulheres que aceitaram o convite para participar da formação e voar com Maat, se tornando nossas educandas.

Às organizações parceiras e apoiadoras, que assumiram o desafio de trilhar esse caminho de romper os muros da prisão e assegurar os direitos das mulheres: Escritório de Direito Humanos e Assessoria Jurídica Popular Frei Tito, ao Fórum Cearense de Mulheres, ao Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Afrobrasilidades, Gênero e Família da Universidade Estadual do Ceará e Pastoral Carcerária.

Às servidoras do Instituto Penal Feminino Auri Moura Costa quando favoreceram o desenvolvimento do Projeto: direção, agentes penitenciárias, assistentes sociais, estagiárias.

À Defensoria Pública, especialmente, do Núcleo de Atendimento aos Presos Provisórios e às Vítimas de Violência.

Ao Fundo Brasil de Direitos Humanos pela confiança e apoio político e financeiro para que o projeto fosse implementado.

À Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado do Ceará por acolher e quando apoiou o projeto.

Ao Maracatu Nação Fortaleza que com seu tambores, loas, cor e alegria quebrou a dureza das grades, algemas e muros, fazendo pulsar o desejo de liberdade e de felicidade!

À Selma Nicodemos, que com dedicação preparou alimentação e especialmente os din-dins para as mulheres.

Às mulheres do INEGRA, que quando se juntam tem a mania de ter fé na vida e, com seu axé e rebeldia, não abrem mão de lutar contra as opressões e por um mundo livre e justo!

INEGRA



## Apresentação

Cada mulher tem uma história. História feita de caminhos que são frutos das nossas escolhas, mas também das condições de vida que não podemos escolher. Por exemplo, não se escolhe nascer rica ou pobre, nem nascer na cidade ou no campo, nem pertencer a uma família pequena ou grande, nem nascer negra, indígena ou branca...

Nos caminhos da vida, na realidade brasileira, cada vez mais mulheres tem sido aprisionadas e tem uma experiência de vida marcante e muitas vezes violadora dos seus direitos.

Esta publicação fala do encontro de mulheres que estão privadas de liberdade no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa com outras que não estão no sistema prisional, mas que escolheram se aproximar dessa realidade para conhecer melhor suas vidas e juntas lutar por seus direitos.

Ao longo de um ano, o processo de formação política do Projeto Pelas Asas de Maat contou com a participação de 90 mulheres. Juntas elas construíram um espaço de troca de experiências, de saberes, de denúncias, de celebrações, de risos e de choros. Aprendemos muito! A relação entre educandas e educadoras foi feita com base nos acordos de convivência que fizemos no início da formação, a saber: presença, respeito, colaboração, participação, escuta, união, igualdade, responsabilidade. Nossos encontros foram cheios de desafios, mas, também, cheios de possibilidades e de transformações da realidade do sistema prisional que afeta mulheres e homens.

Nosso encontro foi forte, alegre e cheio de axé! Precisávamos colocar no papel para que outras pessoas conhecessem um pouco dessa história, que rompeu muros e brotou resistências e liberdades. Que esta publicação fortaleça a luta pelos direitos das mulheres, até que todas sejamos livres!



## 1. Pra começo de conversa...

Vamos apresentar a Diana, o Caio e a Marcilene, personagens que nos ajudarão a contar um pouco dessa história.



Esta é a Diana, mas é chamada por Pretinha. Tem 21 anos, é negra, estudou até o 7º ano. Tem dois filhos, com idades de dois e oito anos, que moram com sua mãe e duas irmãs no bairro Barra do Ceará, na cidade de Fortaleza. Foi estuprada pelo pai quando tinha 13 anos. Saiu de casa e se juntou com um homem chamado Marcelo, que a abandonou quando ela estava grávida do filho mais novo. Adora dançar reggae do passinho e ver o pôr do sol na Ponte Metálica. Vendia roupas para sustentar os filhos. É presa provisória. Sofreu violência física e psicológica na hora da prisão. Diz que é heterossexual, mas tem uma namorada no presídio. Recebe visita da irmã duas vezes por mês. Está morrendo de saudades dos filhos.

Ele foi registrada como Roberta, mas transformou-se no Caio. Tem 29 anos e é um homem transexual, mas no presídio costumam identificá-lo como cabrão. Estudou até o 6º ano, mas deixou os estudos para trabalhar como entregador de gás e de água no mercadinho do seu bairro, Messajana, na cidade de Fortaleza. Já lutou karatê e hoje sonha em ser professor de Educação Física. Adora ouvir Legião Urbana. Tem uma namorada no presídio. Foi preso em flagrante quando assaltou um ônibus. Estava armado. Foi espancado pela população e por sete policiais em um terreno baldio. Cumpre prisão provisória.





Esta é Marcilene. Tem 42 anos, é casada, tem duas filhas e um filho. É heterossexual. Mora em Iguatu, cidade localizada no interior do Ceará. Era usuária de crack. Foi presa em flagrante, portando seis pedras de crack e por furto de um celular. É uma ótima costureira, gosta de dançar forró, ir para festa da padroeira da sua cidade. É julgada e pegou 16 anos no regime fechado. Não recebe visita. Anda deprimida e não vê a hora de sair do presídio.



## 2. O Presídio Auri Moura Costa



*Antes de chegar no Auri, eu nem sabia que tinha um presídio só para mulheres. O presídio feminino fica no município de Aquiraz. Ele foi inaugurado em 31/10/2000 e deveria comportar 374 mulheres, mas o número é bem maior.*

Atualmente (ago/16), o IPF possui 642 mulheres em privação de liberdade, sendo 469 provisórias e 173 julgadas. É um número alto que acaba superlotando o presídio. 248 mulheres são de comarcas do interior. Assim como a Pretinha, a maior parte das internas ainda não foi julgada. Elas são presas provisórias e representam 73% do total de internas, ficando muito acima da taxa do país, que é de 42%. Além disso, 3% delas progrediram para o regime semiaberto, mas continuam presas no regime fechado. Consideramos esse quadro injusto.

*As prisões provisórias devem ser a exceção e não a regra.*

### 3. Quem são as mulheres que estão no IPF

*Antes de participar do Projeto da INEGRA eu já ficava olhando pras mulheres que estão no presídio e percebia que a maioria era jovem, pobre e tem pouco estudo, mas depois da formação, passei a perceber outras coisas...*

É mesmo Caio! Basta a gente ter os primeiros contatos com as mulheres internas no Auri para a gente perceber que a maioria delas além de jovens e empobrecidas, é negra!

*Mas eu sempre ouvi as pessoas dizerem que no Ceará não tem negras/os. No começo fiquei confuso, mas depois entendi.*

Essa confusão começa porque ao longo da nossa História, os donos do poder no Ceará inventaram que aqui não tinha negras e negros, assim como fazem com os indígenas. Essa afirmação é grave, pois apaga a existência e a resistência dos povos negros e nega a grande influência das culturas negras na nossa sociedade. Além disso, dificulta que a gente perceba que existe racismo e que as pessoas são discriminadas na escola, no trabalho, na sociedade, no ônibus... somente por ter a pele da cor da noite e os cabelos crespos. Não é à toa que a polícia e a justiça aprisionem mulheres negras e homens negros, na sua maioria.



O primeiro Censo Penitenciário do Estado do Ceará (2014), em relação às mulheres, revelou:

#### Mulheres Encarceradas no Ceará

- As mulheres representam 4,8% da população carcerária do Ceará. Isso significa dizer que de cada 100 pessoas presas no Ceará, 95 são homens e 5 são mulheres.
- Que 52,3% das mulheres encarceradas tem até 29 anos. Mais da metade, portanto, é jovem.
- Quanto à orientação sexual, 73,4% se autodeclarou heterossexual, 15,4% lésbica; 9,6% bissexual.
- Em relação à situação prisional 29,5% já tinham sido julgadas, 60,5% eram presas provisórias e 3,9% haviam progredido para o regime semiaberto.
- Mais de 60% das mulheres estavam presas pelo envolvimento ou suposto envolvimento com o tráfico de drogas, 29,3% por crimes contra o patrimônio e 10,6%, por crimes contra a pessoa.
- Recebem menos visitas do que os homens. Apenas 12,7% recebem visita dos maridos/companheiros e 31% são visitadas pelas mães.



Quando os homens são presos, as mulheres assumem as responsabilidades deles, mas quando as mulheres são presas, são outras mulheres assumem as responsabilidades delas, como cuidar, alimentar e educar as filhas e filhos.

Em relação à sua raça/etnia, o Censo 2014 fez uma separação de acordo com uma tabela contendo 11 cores de pele:

- 37,7% das mulheres e homens se identificaram como pardo/indígena);
- 14,8% identificaram-se como negras/os;
- Totalizando 52,5%.

Para o INEGRA, essa classificação faz uma confusão na nossa cabeça e não contribui muito para a identidade e para a valorização étnico-racial. Mais do que cores, os povos têm uma História de trabalho, de luta e de resistências: negros, indígenas, ciganos...



Além dos dados do Censo Penitenciário do Ceará (2014), outros estudos revelam que dois terços das mulheres encarceradas no país são negras. Esses dados revelam o caráter racista do sistema prisional, afinal, as pessoas não-negras também cometem crimes. A população branca não é considerada suspeita e, por isso, quase não é abordada pela polícia e quando é, recebe tratamento respeitoso. Também as suas melhores condições de vida favorecem o acesso à justiça, evitando o aprisionamento ou rápida soltura.

Muitas mulheres são presas acusadas de tráfico de drogas quando na realidade elas são usuárias e necessitam de acompanhamento. Também são presas por se relacionarem afetiva e/ou amorosamente com homens envolvidos no tráfico, mesmo que elas não sejam traficantes.

## 4. Enquanto a liberdade não chega

O bom mesmo é quando a gente está livre, mas, enquanto a liberdade não chega, é importante que cada mulher compreenda que, ao ser presa, ela perdeu o direito de ir e vir. Porém, todos os outros direitos devem continuar valendo.

E foi pensando nos direitos das mulheres, especialmente das mulheres em privação de liberdade, que desenvolvemos o Projeto Pelas Asas de Maat. A formação política foi realizada com cerca de 100 mulheres dentro do presídio Auri Moura Costa. Foram três turmas. Cada grupo teve 14 encontros formativos. As atividades aconteciam todas as quartas-feiras pela manhã e/ou pela tarde. A carga horária da formação foi de 60 h/a. Ao final, certificamos 78 mulheres.

Além da formação, em janeiro/2016, juntamente com a Pastoral Carcerária e o Conselho Estadual de Direitos Humanos, realizamos a Conferência Livre de Direitos Humanos no Auri, onde uma das mulheres internas saiu como delegada e participou da Conferência Estadual.

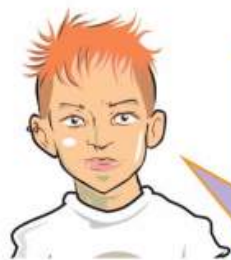


Maracatu Nação Fortaleza no encerramento da formação e certificação das mulheres



*Pretinha, quando as meninas do INEGRA chegaram nas celas lá na ala C, convidando para fazer o curso, eu dei logo meu nome. Ainda bem que eu fui escolhida. Eu estava atribulada e o curso me ajudou. No final ainda recebi meu certificado. No encerramento teve o Maracatu Nação Fortaleza. Foi lindo! Foi rochedo!*

*Marcilene, eu ficava esperando chegar quarta-feira pra eu ir pro curso. Lá ganhei bolsa, caderno e a blusa do projeto. A gente pegava livro pra ler, conhecia a História de mulheres guerreiras que nem a gente, merendava, cantava e dançava. Por algumas horas eu esquecia que estou presa...*



*Marcilene e Pretinha, eu gostei de conhecer a história da Maat, deusa egípcia do equilíbrio, da justiça e da liberdade. Eu nem sabia que o Egito ficava no continente africano. Agora já sei também que o continente africano é gigante e tem 54 países.*

Conversando com a Marcilene, a Pretinha e o Caio, descobrimos que até hoje, mesmo que a formação tenha acabado, as mulheres sempre se juntam nas alas para cantar e para dançar a música da lavadeira, que aprenderam com a gente.

*E você, já conhece?*



**Lava, lavadeira a roupinha de passear (bis)**

**Uma neguinha do tamanho assim (bis)**

**Com uma trouxa de roupa assim (bis)**

**Um pedacinho de sabão assim (bis)**

**E o sol por aí assim (bis)**

**Uma lagoa deste tamanho**

**E um pouquinho de água assim (bis).**



*Boas vivências...*

Embora a vida no cárcere não seja fácil, percebemos que algumas iniciativas provocam alegria, boa saúde mental e crescimento pessoal das internas:

- Ter a oportunidade de ficar perto das/os filhos/as na creche.
- Receber visitas, principalmente das/os filhos.
- Participar de atividades educativas formativas e trabalhar, quem além do mais, contribuem na remissão da pena.



- Contar com o importante trabalho realizado pela Igreja Batista Central e pela Pastoral Carcerária, como o apoio emocional, os mutirões de limpeza e o apoio material.
- O trabalho comprometido da Defensoria Pública, especialmente do Núcleo de Apoio aos Presos Provisórios, às Vítimas de Violência, não apenas na defesa individual das mulheres, mas na ação efetiva na defesa dos direitos coletivos, principalmente em situação de tensões.
- Participar de momentos festivos.
- A participação no projeto Pelas Asas de Maat.
- A participação política, como na Conferência Livre de Direitos Humanos.
- A solidariedade entre as internas e de algumas profissionais do presídio (assistentes sociais, psicólogas, profissionais da saúde, advogadas e defensoras, agentes penitenciárias e a direção do IPF).
- A presença da Central Única das Favelas, nas ações de rádio e de grafiteagem.
- Contar com a rede de solidariedade das amigas quando a solidão e a tristeza apertam o peito, quando a mulher adocece, quando vem más notícias da família, quando a liberdade é negada.
- Receber ou ver a colega de cárcere adquirir o alvará de soltura, mesmo que seja para cumprir pena alternativa, para ficar com pulseira ou para cumprir prisão domiciliar.
- As audiências de custódias, as alternativas penais, as penas alternativas, mudanças na legislação que beneficiam mulheres grávidas, com filhas/os menores de 12 anos e progressão para o regime semiaberto, além de pequenas mudanças na cultura do encarceramento tem reduzido, ao longo dos últimos 6 meses, o número de mulheres encarceradas do Auri Moura Costa, passando de cerca de 780 para 642.



## 5. A árvore da (in) justiça

Ao longo dos últimos 12 meses, foi constante a nossa presença no Auri e intensa a convivência com a direção, com as/os trabalhadoras/es e especialmente, com as internas. Isso nos permitiu conhecer melhor a realidade das mulheres.

Os seus relatos de vida nos tocam profundamente, pois sabemos que cada uma sabe a dor e a delícia de ser o que é. Cada uma se tornou especial para nós: seu riso, seu olhar, seu choro, sua fala, seu silêncio, suas expressões, seu nome, sua individualidade...

Num dos dias da formação, quando as mulheres tinham que construir a árvore da justiça, falando o que compreendia por justiça e como ela acontecia na sua vida, elas chegaram à conclusão que conheciam muito mais sobre injustiça do que sobre justiça.

### *Onde começa a injustiça?*

Na medida em que fomos conhecendo a história de vida das mulheres encarceradas, verificamos que a maioria delas tem a vida marcada pela violência e pela violação dos seus direitos, antes, durante e após o seu aprisionamento. O aprisionamento vem agravar ainda mais as suas condições de vida, bem como, a vida das suas famílias.





### Antes da prisão...

É comum, no relato das mulheres, a experiência de ter sido abandonada pelo pai, ter sido vítima de trabalho infantil, ter sofrido violência sexual, ter engravidado na adolescência, precisar abandonar a escola, não ter oportunidade de trabalho ou ter trabalho precário e ter dependência financeira e afetiva.

A Pretinha ficou marcada profundamente pela sua experiência de vida. No dia da formação em que falamos sobre o que é ser mulher, ela nos contou com tristeza e com raiva um pouco do que viveu.



*Quando eu era criança, na escola todo mundo me chamava de nega feia, dizia que eu fedia e que eu tinha o cabelo ruim. Não gostava de ir pra escola por isso. Queria ficar em casa, mas meu pai tocava no meu corpo e me estuprou quando eu era criança. Assim que menstruei fiquei grávida do meu filho mais velho. Isso me machucou e me deixou revoltada. Ai eu fugi de casa, deixei de estudar, vivi na rua. Tive que me virar pra me sustentar e sustentar meu filho. Agora pensando sobre tudo isso acho que sofri racismo e violência sexual.*

### Na hora da prisão...

Algumas mulheres antes mesmo de serem presas já haviam passado por várias abordagens policiais violentas. O corpo tatuado é um elemento que agrava a violência contra a juventude negra da periferia, enquanto que para as pessoas da classe média e rica, as tatuagens representam um estilo de vida.

Ficamos assustadas e indignadas com o número de prisões feitas pelas polícias marcadas pela violência moral, sexual, física, patrimonial e psicológica contras as mulheres e suas famílias.

O Caio já sentiu na pele a violência da polícia, agravada pela sua sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero.

*Eu ainda nem era usuário de drogas nem praticava assaltos, mas 3 vezes a polícia parou e bateu em mim. Talvez me batiam pela minha aparência.*

*Quando fui preso em flagrante apanhei muito da população e de 7 policiais. Fiquei muito machucado. Disseram que se eu quero ser homem, eu ia apanhar como um homem. Colocaram em mim o "saco d'água", que é uma forma de tortura aplicada pela polícia. Colocam o saco na cabeça, impedindo a respiração. Enquanto isso espancam a pessoa, que geralmente desmaia, faz xixi, sofre...*

*Quando fui levado pro IML pra fazer exame de corpo delito, os policiais disseram que se eu abrisse o bico, depois eu desceria pro inferno. Por medo, eu disse que tinha caído tentando fugir. Sei que não deveria assaltar, mas sei também que a polícia não tem o direito de me bater. Tudo isso aconteceu sem a presença de advogada/o ou defensor/a.*





A violência policial é uma violência institucional, pois embora seja praticada por pessoas, elas representam o Estado brasileiro, que é uma instituição. Trata-se de uma grave violação dos direitos humanos que precisa ser barrada. Sua continuidade pode trazer sérias consequências para toda sociedade, embora ameace a saúde e a integridade física e mental das principais vítimas dessa violência, que é a juventude, masculina, pobre, negra e da periferia das grandes, médias e pequenas cidades.

### *Durante o encarceramento...*

Uma das primeiras dificuldades enfrentadas pelas mulheres é o abandono, o que gera tristeza/depressão. A situação é ainda mais grave com as mulheres que são do interior, de outro estado ou país.

Se adoecer é ruim, imagine dentro de um presídio, quando é difícil o acesso ao atendimento de saúde e a medicamentos. A situação piora quando a interna convive com uma doença crônica física e mental.

Tudo poderia ser aliviado se houvesse uma relação mais respeitosa e tranquila entre agentes penitenciárias e internas, que não pode ser generalizada, mas que ocorre com frequência.

Muitas reclamam que nunca são chamadas para participar de cursos e de trabalhos. Isso ocorre principalmente com quem questiona, desobedece e tem comportamento considerado inadequado.

Também é raro as mulheres receberem kits higiênicos (absorvente, sabonete, pasta de dente...), agravando a situação daquelas que não recebem visitas da família ou quando recebem, mas a família não tem condição financeira para assegurar.

É comum faltar escolta para levar as mulheres para diversas atividades (audiências, hospital, visita íntima...).

Quanto à alimentação, é de má qualidade e valor nutricional insuficiente.

O atendimento psicossocial, jurídico e de saúde são insuficientes e limitados.

E ainda tem a violência institucional e aquela vivida entre as próprias internas. A Marcilene sentiu pavor outra noite dessas:

*Um dia eu estava dormindo na minha cela e acordei com uma zoada enorme. Quando levantei tinha vários agentes do Grupo de Apoio Penitenciário - GAP. Derrubaram as nossas coisas no chão, lançaram spray de pimenta que queimou meu rosto, cortaram todo meu colchão novo e derramaram meu xampu. Fiquei muito assustada. Fiz xixi na calça. Foi muito humilhante. Minha pressão subiu e eu comecei a passar mal. Mas fui obrigada a ficar abaixada no chão. Quase desmaiei. O GAP acabou encontrando um chip de celular na ala e como não descobriram de quem era, toda a ala ficou de castigo, sem banho de sol por 3 dias. Isso é injusto, pois eu não tinha nada a ver com isso. A maioria foi prejudicada por causa de 1 pessoa.*



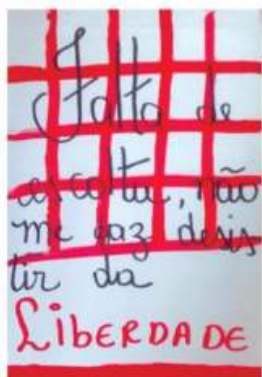
### *Depois do Encarceramento...*

Quando a mulher fica livre, vem a alegria de voltar para a família, mas tem também o desafio de correr atrás do tempo que foi perdido e lutar pela sobrevivência. Lutar pela sobrevivência significa conseguir trabalho ou emprego para sustentar a família. Para quem sai do presídio usando a pulseira, fica mais difícil ainda.

O preconceito e a discriminação de classe, de raça e de gênero impedem que a vida seja mais fácil e que os direitos sejam garantidos: educação, saúde, lazer, moradia, alimentação... A sociedade não quer dar uma nova chance para quem cometeu ou é suspeito de ter cometido um crime.

Isso reforça as injustiças e impede que as pessoas possam crescer e romper com a criminalidade. Ainda tem as mulheres que vivem em situação de rua, as quais tem uma negação dos seus direitos e sem uma política pública efetiva, tem a possibilidade maior de retornar para o presídio.

## 6. Resistências e o desejo de liberdade



Apesar de todas as dificuldades, as mulheres do Auri são guerreiras e carregam dentro de si sonhos, mesmo que às vezes eles fiquem adormecidos.

O maior desejo das mulheres é LIBERDADE. Só em falar essa palavra, o corpo delas reage, os olhos brilham, a gente escuta um suspiro, a alegria toma conta do rosto...

Mas liberdade para quê?

E a resposta é imediata: pra correr pra perto das FILHAS e dos FILHOS, da MÃE, do COMPANHEIRO ou da COMPANHEIRA. Enfim, pra correr pra perto dos seus amores.

Seguido disso, vem o desejo de trabalhar para sustentar a família. Seria muito bom trabalhar em algo para ganhar dinheiro suficiente para pagar o aluguel, a comida das crianças, comprar um celular novo, uma roupa bonita da liberdade. Algumas que tinham o tráfico de drogas como renda, não negam que ao sair, se não encontrarem outra oportunidade, voltarão para o tráfico. Esse é um complexo problema social a ser enfrentado.

Além disso, as mulheres gostariam de ter notícias de como anda o seu processo judicial, de receber visita da família e amigas/os, de ter direito a beber água gelada e comida boa, de ter um ventilador, uma televisão na ala. Para algumas pessoas, isso representa mordomia. Dizem que quem está na prisão precisa é de castigo. Nós discordamos. Consideramos que tudo isso são direitos a serem assegurados pelo Estado. Tudo isso pode ser colocado em prática, mas para isso é preciso querer, decidir, assegurar recursos e colocar em prática essas propostas.

Sobre as resistências, o bom mesmo é estar em liberdade, mas enquanto ela não chega, as mulheres gostariam muito de serem respeitadas dentro do presídio. Os conflitos com outras internas e com as agentes penitenciárias e o GAP, marcam o cotidiano no Auri Moura Costa.

As agentes como, servidoras públicas, merecem respeito e boas condições de trabalho, nem sempre garantidas. A atividade no presídio é estressante e, em certos momentos, ameaçadoras.

Da mesma forma, as internas merecem o mesmo respeito e também têm direitos a serem garantidos enquanto estiverem sob a custódia do Estado. Acreditamos ser possível construir outra relação respeitosa e sem violação de direitos.

Para suportar as ausências, as restrições, a falta do que fazer, a superlotação e as violações dos direitos, as mulheres encontram formas de resistir:

- Algumas cantam, outras gritam.
- Algumas choram, outras ficam em silêncio.
- Algumas trabalham, algumas estudam, outras esperam oportunidades.
- Algumas desenhavam, outras adotam um gatinho na cela.
- Algumas rezam, algumas são benzedeiras, outras cantam louvores.
- Algumas sonham dormindo, outras sonham acordadas.
- Algumas encontram novos amores na prisão, outras contam os dias em que vão reencontrar o amor que ficou para além dos muros.

Às vezes, essa resistência é cheia de esperança, às vezes é movida por tristeza e por indignação, às vezes bate uma depressão, às vezes ficam atribuladas, às vezes se apegam a qualquer oportunidade de ocupação e de prazer, estudam, trabalham, fazem cursos profissionalizantes, fazem atividade física...



## 7. Aprendizados de dentro para fora e de fora para dentro

O nosso movimento de chegada no presídio foi cheio de expectativas. Na primeira visita, nosso coração já palpitava e assim, semanalmente, esperávamos a quarta-feira chegar para o encontro acontecer.

Encontramos, em sua maioria, mulheres jovens, outras nem tanto. Elas nos contaram histórias da sua vida e do seu lugar. Algumas vinham de outras partes do Nordeste, algumas do Norte.

Muitas coisas são comuns entre nós. A nossa condição de ser mulher, ser negra, gostar de reggae, ser lésbica, bissexual ou heterossexual, ser mãe, ser filha, ser avó, ser guerreira, enfrentar o racismo, o machismo e o empobrecimento... São muito pontos em comum. As rodas de conversa, mostravam que nossos percursos foram diferentes, às vezes, desiguais, mas sempre nos enxergávamos em alguns relatos. Cada realidade desconhecida trazia aprendizados para quem está na "liberdade".

A confiança foi nascendo e crescendo. Embora a gente estivesse, naquele momento, dentro dos muros, a liberdade às vezes vinha como uma lembrança boa pelo cheiro da comida compartilhada, pelo gostoso din-din (feito pela dona Selma) que refrescou nossos dias, pela música alegre, pela roupa da "liberdade", pela cena do vídeo que nos emocionou.



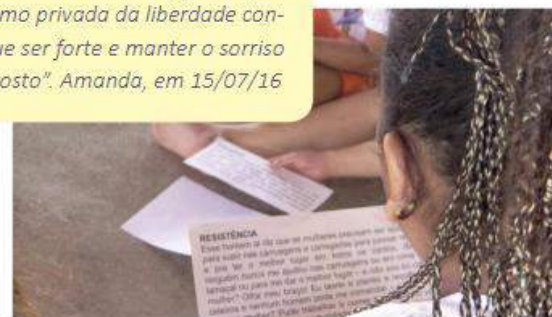
E outras vezes, a prisão era algo que não dava para enxergar, só dava para sentir no fundo do peito.

As correntes há muito tempo aprisionam e deixam marcas, em nome de manter uma ordem. O Estado penal ainda hoje mantém o sistema carcerário com a desculpa de ser um meio de fazer prevalecer a justiça. Uma desculpa que finge acreditar que as pessoas serão transformadas positivamente ao passar pela prisão.

Mas ainda bem que existem outras vivências e aprendizados. Deixamos o medo do desconhecido para enxergar as vidas que pulsam no mundo. Ampliou nossa visão sobre a vida, o crime, a droga, o que é ser mulher, o feminismo, a (in)justiça, o amor...

As mulheres nos ensinaram que sobreviver ali dentro é também contar umas com as outras, fortalecer as parcerias. Quantos sonhos cabem dentro daqueles muros? Não sabemos! Mas temos certeza de que os sonhos pequenos e grandes nos fizeram acreditar que o sonhar, em meio ao pesadelo que é o aprisionamento, é uma forma de resistência.

*"Chorar calada, dormir inquieta, desabafar com as paredes. Essa é a rotina diária de alguém que mesmo privada da liberdade consegue ser forte e manter o sorriso no rosto". Amanda, em 15/07/16*



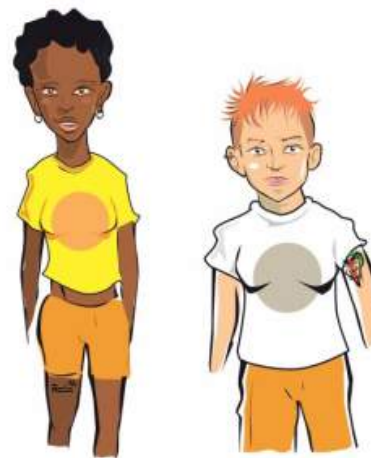
## 8. Dicionário



*Quando eu cheguei no Auri, tinha muitas palavras que eu não entendia. Mas depois de 8 meses, eu já uso algumas palavras e posso até explicar pra vocês o significado de algumas delas...*

- **Atribulada** – nervosa; agitada; perturbada.
- **Bater garrafa** – passar uma garrafa pet nas grades, fazendo barulho para chamar as agentes penitenciárias, solicitando algo como remédio, água, comida ou atendimento de saúde.
- **Cabrão** – termo atribuído a mulher masculinizada, que tem posturas, se veste e gosta de coisas ditas masculinas.
- **Catatau** – bilhete, recado.
- **Catch** – local/espço dentro da cela separado por um pano para a visita íntima dos casais.
- **Comarca** – cama
- **Dormir na pista** – ficar largada, dormir no chão (para as mulheres que não tem colchão).
- **Espirrada** – pessoa que foi expulsa da ala do presídio.
- **Pulseira** – tornozeleira usada pelas mulheres que saem do presídio cumprindo medida cautelar, sendo monitorada pela justiça.

- **Rochedo** – pessoa ou coisa muito boa, pessoa que se garante no que faz.
- **Roupa da Liberdade** – roupas que não sejam a farda do presídio.
- **Tereza** – corda feita de lençol e pedaços de pano unidos por nós.
- **Veneno** – coisa muito ruim.
- **Venustério** – Local específico onde ocorre a visita íntima nos presídios.



**Abre asas – Por Tamires Ferreira**

*Nasceu do silêncio e fez-se tambor ao ecoar tantos gritos*

*Gritos perdidos num laranja incolor  
Na pele o negrume de outros tempos  
Senzala!*

*De ala em ala trajetórias silenciadas.*

*De repente do silêncio ouviu-se outras vozes*

*Vozes dispostas a ouvir  
Olhar atento, coração aberto  
Do triste laranja, novas cores renascem*

*Cores Naná, Sorvete, Mary Ellen.*

*Cores de mulheres narrando suas próprias histórias  
Entre partilhas e trocas, até a comida tinha cheiro  
de liberdade.*

*Se nas fichas oficiais o vazio ecoa*

*Ali cada é senhora de si e narra a sua vida em  
primeira pessoa*

*Conta sobre os sonhos perdidos e reencontrados*

*Conta sobre o desejo por liberdade*

*E até a insignificância de refrescar o calor com um  
dindin gelado*

*Quando até o direito ao sossego é violado  
O grito ganha contornos outrora ignorados  
E é na cadência do batuque que as celas diminuem*

*E ao som do maracatu as almas dançam*

*Acompanhando as crianças que emocionam ao  
trazerem lembranças dos filhos que ficaram em casa  
Um som estrondoso ecoando em canção libertária:  
“Uh é a Inegra!”*

*Os olhos brilham, os pés dançam, os problemas  
silenciam e a alma em pleno voo canta os acordes  
da libertação.*



### **Coordenação do Projeto**

Francisca Maria Rodrigues Sena  
Iara Vanessa Fraga de Santana  
Sarah Nobre Menezes

### **Educadoras do Projeto**

Deyse Mara Miranda de Oliveira  
Elizabeth Ferreira Cruz  
Francisca Maria Rodrigues Sena  
Iana Esmeraldo  
Iara Vanessa Fraga de Santana  
Luanna Marley de Oliveira e Silva  
Luciana Nogueira Nóbrega  
Mayara Moreira Justa  
Sarah Nobre Menezes

### **Colaboradoras**

Abyglacy Rodrigues Ferreira  
Carina Silva Barros  
Cícera Maria Silva  
Cícera Rozizângela Barbosa Ribeiro  
Sarah Nicodemos  
Gabriela Thays Silva Pontes  
Margarida Maria Marques  
Marliete Beserra da Silva  
Merilane Pires Coelho  
Ravena Luz Lopes  
Tamires Ferreira Bastos  
Vitória Sena Cruz  
Yohana Torres Monteiro

### **Identidade visual do Projeto e registro audiovisual**

Sarah Nicodemos

## **Quando seu direito for violado, esses contatos podem ser úteis**

1. Comitê Estadual de Prevenção e Combate à Tortura do Ceará  
Rua Tenente Benévolo, 1055, Meireles – Fortaleza  
Telefone: (85) 3252.2086
2. Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos  
Rua Tenente Benévolo, nº. 1055, Meireles.  
Telefone: (85) 3252.2239
3. Conselho Penitenciário do Ceará – COPEN  
Rua Tenente Benévolo, nº. 1055, Meireles.  
Telefone: (85) 3101.2859
4. Coordenadoria de Inclusão Social do Preso e do Egresso - CISPE Local:  
Av. Heráclito Graça, 600 - Centro- Fortaleza  
Telefone (85) 3101.7720 - [cispe@sejus.ce.gov.br](mailto:cispe@sejus.ce.gov.br)
5. Defensoria Pública Geral do Ceará  
Av. Pinto Bandeira, 1111 – Luciano Cavalcante  
Telefones: (85) 3101.3434 / Fax: (85) 3101.3428
6. Escritório de Direito Humanos e Assessoria Jurídica Popular Frei Tito de Alencar- Assembléia Legislativa do Ceará  
Av. Desembargador Moreira, 2807- Bairro: Dionísio Torres  
Telefones: (85) 3277.2687 e 3277.2688

7. Instituto Negra do Ceará – [inegra.ce@gmail.com](mailto:inegra.ce@gmail.com)

8. Núcleo de Atendimento aos Presos Provisórios e às Vítimas de Violência - NUAPP

Av. Virgílio Távora, 2187, Dionísio Torres, Fortaleza

Telefones: (85) 3101.1263 e 3101.1267

9. Núcleo de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher - NUDEM

Rua Padre Francisco Pinto, 363- Benfica – Fortaleza

Telefones: (85) 3101.2259 e 3101.2383

10. Núcleo de Execuções Penais- NUDEP

Rua Caio Cid, 100. Bairro Engenheiro Luciano Cavalcante. Fortaleza

Telefones: (85) 3101.3437 e 3101.3448

11. Ouvidoria Externa da Defensoria Pública

Av. Pinto Bandeira, 1111 – Luciano Cavalcante

Telefone: (85) 3278.7307





*Realização:*



*Parcerias:*



*Apoio:*

fundo brasil de  
direitos humanos